



1. INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade clássica a filosofia opera com a oposição entre *doxa* e *episteme*. A primeira consiste nas opiniões formadas a partir da vida cotidiana, dos saberes práticos e caracteriza-se pela ausência de crítica; já a segunda refere-se aos conhecimentos verdadeiros e tem sua origem no exercício da dialética. Tanto para Platão quanto para Aristóteles, somente os rigores da lógica e da matemática são capazes de produzir um conhecimento puro, distinto da opinião. Assim começa na história do pensamento ocidental um trabalho de enquadramento da realidade onde o saber ordinário é preterido em favor de um saber especializado, quando a finalidade é explicar o funcionamento do mundo.

Dito de outro modo, para a tradição o conhecimento é produzido pelo exercício de raciocínio e raciocinar é dar as razões, ou seja, argumentar oferecendo justificações coerentes para o argumento. Entretanto, o papel da lógica no pensamento aristotélico não se limita ao exame da linguagem e assume um caráter ontológico. Ao sistematizar, no livro IV da *Metafísica*, o Princípio de Não Contradição bi-implicado pelo Princípio de Identidade – ambos componentes do Princípio do Terceiro Excluído – Aristóteles estabelece os parâmetros para o conhecimento da realidade e, por conseguinte, torna possível uma elaboração formal do discurso científico.

De um modo geral e muito simplificado o critério de identidade afirma que só são idênticos os *entes* que forem compostos pelos mesmos elementos, na mesma ordem. Definir um objeto implica, portanto, identificar o que ele necessariamente é. A identidade³ é, portanto, uma questão formal e o conceito de *forma*, para a tradição metafísica encontra-se associado à noção de essência, isto é, aquela unidade necessária, universal, estável e atemporal que fundamenta a existência.

Só é possível categorizar aquilo que é invariável e inequívoco. Nisso consiste o critério da não contradição. Este princípio lógico postula que a

³ Dizemos que o princípio de identidade é uma tautologia e representamos desta forma: $A=A$, o que equivale a afirmar: João é igual a si mesmo.



nada é facultado o poder *ser* e não *ser* simultaneamente sob o mesmo aspecto⁴. Este axioma fundamenta a ontologia formal aristotélica e compõe o Princípio do Terceiro Excluído⁵, tese que na lógica contemporânea resulta nas relações de pertinência e inclusão entre conjuntos, onde pertencer e/ou estar incluído depende das características dos elementos composicionais, o que provoca um retorno ao critério da identidade.

As três leis lógicas do pensamento formuladas por Aristóteles perpassam os séculos e ainda hoje vemos reverberar a tradição, pois, desde Aristóteles até a ciência de nossos dias, entendemos por conhecimento verdadeiro aquele que produz enunciados a cerca de relações necessárias e demonstráveis, mesmo que para obter tais demonstrações seja preciso “varrer para debaixo do tapete” tudo o que há de acidental e contingente na realidade. Pertencer simultaneamente a mais de um “conjunto” é, ainda hoje, estar em situação irregular perante os critérios lógico-científicos.

O problema é que essas “leis do pensamento” ao serem equivocadamente aplicadas às demais dimensões da cultura extrapolam os limites dos enunciados científicos e podem ser utilizadas como justificativas ontológicas para processos de hierarquização epistêmica, étnica, de gênero e outros tantos contextos de exclusão humana. Neste sentido, cumpre trazer à discussão questões relativas à interculturalidade, privilegiando uma de suas formas, a saber, a mestiçagem.

Mestiço é um termo originário da biologia e foi usado para designar – de forma equivocada, conforme apontado por Noguera (2015) – animais (e aí incluídos os humanos) que descendem de duas ou mais espécies, etnias/raças diferentes e que, por conseguinte, carregam em si características genéticas de ambas. E daí as discussões acerca da cultura apropriam-se desta expressão para designar aqueles indivíduos que se autoproduzem no interstício das culturas.

⁴ Exemplos banais do princípio de não contradição: João não pode ser filho de Pedro e não ser filho de Pedro; João não pode ser ao mesmo tempo, solteiro e casado.

⁵ O princípio do terceiro excluído é complementar ao princípio de não contradição. Se o enunciado “João é filho de Pedro” for verdadeiro, o enunciado “João não é filho de Pedro” será, necessariamente, falso.



No que segue apresentaremos duas abordagens concernentes à mestiçagem cultural, uma pertencente ao historiador Serge Gruzinski e a outra ao filósofo Michel Serres.

2. A PERSPECTIVA DE SERGE GRUZINSKI

Nesta acepção mestiçagem é, antes de tudo, um encontro com a alteridade. Um processo de estranhamento e ambiguidade representado pelo paradoxo de existir simultaneamente em mais de um mundo. O estar entre dois (ou mais) faz do mestiço cultural um intérprete poderoso porque pode deslocar-se pelos mundos, mas também ameaçador porque é contradição, porque desestabiliza a ordem das coisas, tira-nos do equilíbrio e da normalidade ao quebrar nossa percepção linear do tempo (GRUZINSKI, 2001).

A ausência de uma identidade unívoca, universal, estável e necessária faz dela – mestiçagem – um movimento que foge ao previsível. Carregada de incerteza e instabilidade apresenta-se sempre particular e contingente. É pura potência criadora que escapa às formas de vida que lhe deram origem; compõe-se nas lacunas, nas fissuras; arrebatada as pretensões de pureza cultural e reivindica para si o estatuto de realidade; tira-nos do lugar comum ao exigir de nós uma resignificação de mundo.

Aliás, a mestiçagem cultural está sempre relacionada ao modo de perceber a realidade, por isso Gruzinski (2001, p. 57) afirma que “precisamos aprender a revitalizar nossos modos de pensamento, [...] praticando um ‘etnocentrismo crítico’”. Sua teoria é a de que não há uma cultura pura. O pensamento indígena, por exemplo, não é dotado da “pureza” suposta por nossa visão exotizadora. Está misturado com as características do pensamento ocidental. É uma visão de mundo mestiça. Nesse sentido, acrescenta que “[...] dar primazia ao ameríndio e não ao ocidental apenas inverte os termos do debate, em vez de deslocá-lo ou renová-lo.” (GRUZINSKI, 2001, p.57).



A renovação proposta por Gruzinski é da ordem do estranhamento. Ao que parece sua proposta de debate não tende para a síntese peculiar à dialética, não se trata de rearranjar as posições das partes conflitantes a fim de promover uma “justiça” entre elementos litigantes. Contrariamente, seu esforço é posto no sentido de ressaltar aquilo que ultrapassa a objetividade do debate. Pensar através dessas polaridades que ficam aquém da questão elementar à mestiçagem é apenas reafirmar os clichês de uma lógica binária que obedece aos mesmos pressupostos racionalistas apontados anteriormente.

A imagem do “tupi tangendo alaúde”, do verso de Mário de Andrade, com o qual Gruzinski (2001) abre o primeiro capítulo de sua obra, demonstra para onde pretende deslocar os debates acerca interculturalidade. Utiliza-se dessa imagem carregada de ambiguidade – que coloca lado a lado elementos que não deveriam estar juntos, afinal não “pertencem ao mesmo conjunto” – para lembrar-nos de que a mestiçagem está relacionada à mistura, à junção, à justaposição, mas acima de tudo, a uma condição de não pertinência, mais do que um estrangeiro em terra alheia o mestiço é um apátrida.

Em última instância, seu empenho é posto no sentido de provocar uma reflexão sobre os modos como somos atravessados pela alteridade, uma vez que, se em sentido biológico a mestiçagem diz dos cruzamentos genéticos, em sentido cultural diz dos modos como nossas práticas e imaginários são fluidos, influenciáveis e heterogêneos. Mestiços não são apenas os outros, que habitualmente identificamos através de pronomes demonstrativos. Esse processo de ver os outros seres humanos como “um de nós”, e não como “eles”, é uma questão de descrição detalhada de como são as pessoas desconhecidas e de como somos nós [...] (RORTY, 2007, p. 20).

3. A PERSPECTIVA DE MICHEL SERRES

Indubitavelmente discutir questões concernentes à mestiçagem implica em processos de conhecimento de si e da alteridade, em reformulação



de conceitos e redescritções de mundo. Entretanto, Serres (1993) afirma que o conhecimento já é ele mesmo resultante dos encontros do *eu* com o *outro*, pois, habitamos, querendo ou não, regiões de fronteira.

Para Serres (1993, p.55) é a partir do mestiço que surge, por exemplo, a verdadeira matemática com gregos anônimos que, no século V antes de Cristo, descobriram a demonstração pelo absurdo, na geometria. Ao medirem a diagonal de um quadrado de lado igual a um, constataram que seu comprimento não poderia ser expresso nem por um número par nem por um número ímpar. Eis a contradição. Melhor excluir o mestiço, mas sem ele não se tem a medida da diagonal! A solução que deram: admitir a existência da diagonal, mas considerá-la inefável, irracional. O autor esclarece:

Ora bem, uma multiplicidade de situações semelhantes apareceu, subitamente, nos números e nos grafos: álgebra dos reais, a verdadeira, a grande matemática acabava de nascer. Ela surgiu do mestiço excluído, desta impossível situação: nem isto, nem seu contrário; desta fonte indecível, do absurdo que ecoa a diagonal do quadrado, nem par nem ímpar, ausência de meio entre essas duas possibilidades de dizê-la. (SERRES, 1993, p. 55).

Foram esses pressupostos que possibilitaram à matemática da modernidade encontrar outro modo para operar com as relações entre conjuntos. Além das relações de pertinência e inclusão, a geometria cartesiana passa a operar com um tipo muito específico de relação, o de função. As funções são modos mestiços de ligação que se encontram a meio caminho entre os conjuntos, satisfazendo as propriedades de ambos.

O mestiço, assim como o deus Hermes - que na mitologia grega era padroeiro dos viajantes e mensageiros, mas também mediador entre os homens e os deuses - é um operador de mudanças. No entanto, aquele que se encontra no meio é nulo e geralmente excluído, assim como acontecia no Antigo Regime francês com uma classe chamada terceiro estado composta por todos aqueles que não pertenciam nem ao clero, nem à nobreza. (SERRES, 1993, p. 56).



Entretanto, para Serres (1993) é exatamente essa situação de estar entre dois, na lacuna entre a “ciência exata” e “cultura moribunda” que se configura como condição adequada para a criação do terceiro homem, o mestiço instruído (uma alusão ao terceiro excluído aristotélico).

Será possível retardar o inevitável confronto entre o Norte, feliz, sábio, afortunado e o Sul miserável, com a invenção dessa cultura mestiça? Há nisso, ao mesmo tempo, sabedoria, na esfera intelectual, justiça, em esfera econômica [...]

Como Kepler nos ensinou, acreditamos que no centro comum do mundo brilha o sol universal do saber e da razão, mas que a sombra se dispersa nos segundos focos dos diferentes planetas; acontece-me hoje pensar, ao contrário, que o problema do mal passa por uma involução no centro comum de todas as culturas e que mil sóis de saberes diversos cintilam no meio comum dessa dolorosa sombra universal. (SERRES, 1993, p. 57).

O terceiro instruído proposto pelo filósofo carrega a síntese do conhecimento de seus mundos e como tal representa uma totalidade. Ele que até então não era nada, apenas diáfano, mestiço excluído, agora é tudo. Em seu princípio de devir fundamenta as ciências exatas e humanas, sendo as primeiras reguladas pela demonstração rigorosa, baseada no princípio do mestiço excluído e as segundas pelo vir a ser global da exclusão social.

Nos dois casos o fundamento é o mesmo, pois da exclusão humana e social provém o mestiço excluído e dele os parâmetros de rigor das condutas. O terceiro homem, que no discurso subsiste como adjetivo e pronome demonstrativo entre primeira e segunda pessoa, na realidade, preenche todos os espaços e trona-se base ontológica do mundo.

Do ponto de fusão entre ciência e cultura obtemos ainda⁶:

Desde que nasceu a literatura lamenta a miséria e o sofrimento. A ciência ainda não aprendeu a linguagem desse soluço. Nesse lugar trágico começa a razão instruída com a mestiçagem.

O sofrimento e a desgraça, a dor, a injustiça e a fome se encontram no ponto onde o global toca o local, o universal o singular, a ciência e a

⁶ Para Michel Serres, tanto as “ciências duras” (exatas) quando as “ciências doces” (humanidades em geral) são elaborações culturais, porém, cada qual carrega suas especificidades. Na obra *Filosofia mestiça*, o autor apresenta essa bifurcação da cultura na forma do binômio “ciência e cultura”. A Primeira se atém a questões referentes à episteme enquanto a segunda se situa no âmbito da doxa (das opiniões). Seu ideal de cultura é, exatamente, a cultura mestiça, isto é, aquela que mescla essas duas tradições.



cultura [...] os sábios descrevem ou cuidam da dor, longe de a lastimarem, nem o global nem o universal sofrem e, se a ciência e o pensamento se referem a temas coletivos ou formais apenas o local carrega o peso do mal.

Dois *cogitos*: Nós pensamos. Eu sofro. (SERRES, 1993, p. 84, grifo no original.)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, parece assente que nosso pensamento opera pelos modelos lógicos de classificação e sistematização e que é contraintuitivo considerar tanto as proposições, quanto os fatos que fujam a esses moldes. Entretanto, não só em sentido conceitual, mas também como realidade social a mestiçagem cultural apresenta-se a nós como refutação contundente desses pressupostos, exigindo-nos a mobilização de outras faculdades para compreendê-la.

Carregada de uma conotação de contaminação e pluralidade, opõe-se a ideia de cultura pura. Pureza que na perspectiva de Gruzisnki (2001) não passa de uma invenção criada por nosso imaginário apenas para nossa satisfação e conforto diante do que nos é estranho. É mais fácil exotizar do que envolver-se. Como se fosse possível manter-se imune ao outro!

A alteridade, ainda que tornada sujeito de ação e predicação no discurso, é sempre mencionada como ‘ele’, ‘elas’, ‘aquilo’, nunca como alguém pertencente ou incluída entre ‘nós’. O discurso é uma relação fechada entre o ‘eu’ e o ‘tu’, entre a primeira e a segunda pessoa do plural ou do singular. A terceira pessoa é nula, excluída, não inteligível ou inefável como a diagonal do quadrado.

Nesse sentido, embora divergentes quanto ao lugar de origem do mestiço, as teorias de Gruzinski (2001) e Serres (1993) complementam-se, visto que há um consenso entre ambas no que se refere às consequências sociais do processo de mestiçagem: apesar de representar qualitativamente uma fonte riquíssima de vivências e de conhecimentos e de quantitativamente designar a maioria dos indivíduos do planeta, geralmente acha-se associada a contextos de sofrimento e exclusão.



A assimetria entre os autores surge quando analisamos o “lugar do mestiço” indicado em suas teorias. Se na perspectiva do historiador o mestiço origina-se no cruzamento entre as culturas, na do filósofo e matemático seu surgimento acontece a partir do ponto de encontro entre a ciência e a cultura, ou seja, onde *episteme* e *doxa* se encontram.

Enquanto o primeiro detém-se a estudar mestiçagem cultural como um fenômeno que ocorre entre as diversas culturas, o segundo postula a existência de uma mestiçagem produzida no encontro entre o conhecimento comum e saber rigoroso das ciências exatas. Entretanto, a mestiçagem não ocorre sem dor – e nisso concordam os dois autores; toda a ciência tem pretensão de universalidade, mas é o sujeito particular, encarnado, que sofre a dor da exclusão.

Há, portanto, uma relação comutativa entre o indivíduo e o coletivo, entre o particular e o universal, entre a ciência e a cultura, pois, não é afinal, a própria ciência uma invenção da cultura e não é a cultura cotidianamente atravessada pela ciência? É assim, nas bifurcações, que o outro sem nome – do qual falamos e não nos ocupamos – surge como grande possibilidade de ser e de saber, como terceiro elemento da relação. Ele nasce com o espírito multicolorido e polívoco. Eis o terceiro instruído.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

GRUZINSKI, S. O pensamento mestiço. Trad. Rosa Freire D'aguair. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NOGUERA, R. **Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza**. Entrevista de Renato Nogueira cedida a Tomaz Amorim, em jul. de 2015. Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/#ixzz3qR8iMtQS> >. Acesso em: 03 de nov. 2015

RORTY, R. **Contingência, ironia e solidariedade**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



SERRES, M. **Filosofia mestiça**. Trad. Maria Ignez Duque estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.